

REVISTA PAPO SÉRIO



Feminismo (s)

Conheça as
pautas deste
movimento

Pg. 9

Política

Entenda porque
mulheres devem
ocupar espaço

Pg. 12

Educação

A luta das pessoas
trans pelo nome
social

Pg. 19



**NÚCLEO DE IDENTIDADES DE
GÊNERO E SUBJETIVIDADES**

REVISTA PAPO SÉRIO

Miriam Pillar Grossi
Organizadora

Arthur Costa Novo
Gabriela Dequech Machado
Marisa Napolini
Red Nedel
Editoras

1ª Edição

Coleção
Cadernos NIGS

ILHA DE SANTA CATARINA

UFSC
2016

Nosso último papo sério



Professora
Miriam Grossi
**Coordenadora
do NIGS/UFSC**

Cara leitora, caro leitor.

Esta revista representa o fechamento de um ciclo de atividades desenvolvidas pelo NIGS/UFSC em escolas da Grande Florianópolis. Trata-se do Projeto Papo Sério, que nasceu em 2007 em um contexto político nacional de grande investimento público em ações na área de gênero, sexualidades e educação.

O projeto foi desenvolvido com a criatividade de estudantes de diferentes áreas de formação escolar básica e universitária. Essas/es jovens fazem parte de uma importante geração formada por políticas públicas de gênero, sexualidades e educação, desenvolvidas como fruto de demandas sociais das Conferências Municipais, Estaduais e Nacionais de políticas para mulheres, LGBTQs, pessoas com deficiência e educação. Foi graças a esses processos de consulta pública que os governos petistas de Lula (2002-2010) e Dilma (2011-2016) colocaram em marcha inúmeras políticas públicas de gênero e sexualidades, em particular de formação educacional e científica. O Papo Sério entrou nas escolas

como atividade de extensão da UFSC a partir de redes de educadoras/es e estudantes que têm em comum a certeza de que a escola *deve e precisa* falar de gênero e de sexualidades para romper os silêncios e visibilizar as experiências e dilemas de diferentes realidades educacionais e sociais.

Com oficinas sobre gênero, sexualidades e violências com turmas de Ensino Fundamental e Médio, falamos de violências contra as mulheres, homo-lesbo-transfobias, machismo, masculinidades, direitos sexuais, aborto, transgeneridade, equidade de gênero, aborto, famílias, racismo, religião e outros temas.

Em 2009, iniciamos o Concurso de Cartazes sobre Lesbo-trans-homofobia e Heterossexismo nas Escolas. Com exposições de cartazes nas escolas e na UFSC, essa atividade, realizada até 2015, atingiu tanto a comunidade escolar quanto a do ensino superior.

Compreendemos que falar sobre gênero e sexualidades nas escolas é fundamental para a construção cidadã e um compromisso ético e político com a democracia no Brasil.

Queridas professoras, professores e estudantes... Muito obrigada. Boa Leitura!

Miriam Pillar Grossi, Marisa Napolini e Arthur Costa Novo.

COORDENAÇÃO PAPO SÉRIO 2015

Núcleo de Identidades de Gênero e
Subjetividades - NIGS/UFSC

ÍNDICE

Página 5

Este papo é (muito!) sério

A atuação do Projeto Papo Sério nas escolas da rede pública

Página 9

Então eu sou feminista?

O que significa ser feminista e as pautas atuais do movimento

Página 13

Pessoas transgênero

As vivências e lutas cotidianas

Página 15

Vamos jogar?

Destaque o jogo e teste seus conhecimentos sobre gênero, feminismo e sexualidade

Página 19

Nome social

Entenda o que é esse direito e por quê é importante que seja sempre respeitado

Página 21

O poder das palavras

Será que você não está reproduzindo algum preconceito?

Página 10

Marcha das Vadias

Um movimento de luta pela autonomia das mulheres

Página 12

Mulheres na política

Porque lugar de mulher é onde ela quiser!

Página 20

Respeito que transparece

Não vacile com as pessoas trans

Página 24

ARTivismo

Conheça o trabalho de artistas que lutam contra preconceitos e injustiças sociais

Página 26

Rap e feminismo

Confira a arte, a música e as ideias da rapper mineira Bárbara Sweet

Página 28

#ficaadica

Sugestões culturais para você se empoderar ainda mais

Este papo é (muito!) sério

Projeto leva discussão de gênero e sexualidades às escolas

Marisa Napolini

O Papo Sério é um projeto institucional de extensão universitária, vinculado ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), da UFSC, que iniciou suas atividades em 2007, sob a coordenação da Profa Dr^a Miriam Pillar Grossi. O principal objetivo da iniciativa é promover a desconstrução das representações de gênero, sexualidades e diversos tipos de violência junto a estudantes de ensino fundamental e médio de escolas da rede pública da Grande Florianópolis. O projeto tem três linhas de ação: **(1) as oficinas Papo Sério**, oferecidas nas escolas, que discutem, por meio de conversas e jogos, os direitos sexuais, a violência contra as mulheres, a homo-lesbo-transfobia, as masculinidades, o racismo e as doenças sexualmente transmissíveis, entre outros temas; **(2) o Concurso de Cartazes sobre Homo-Lesbo-Transfobia e Heterossexismo nas Escolas**, realizado nas escolas com exposição final na UFSC; **(3) um cronograma de eventos para datas de luta contra discriminações** no campo dos estudos de gênero e sexualidades, desenvolvido ao longo do ano

letivo.

As **oficinas Papo Sério** são oferecidas de acordo com as demandas apresentadas pelas escolas. A partir de contato estabelecido entre a equipe do NIGS e professoras/es de instituições de ensino da rede pública, são definidos o tema e as dinâmicas que serão adotadas, levando-se em consideração características específicas da escola a ser atendida. Ao longo dos anos, as oficinas têm estimulado um processo de desconstrução e propiciado uma transformação no imaginário sobre gênero, sexualidades e violência recorrente nestes espaços. Este envolvimento é

“...as oficinas têm estimulado um processo de desconstrução e propiciado uma transformação no imaginário sobre gênero, sexualidades e violência recorrente nestes espaços.”

gerador de reflexões sobre a escola, ensino e aprendizagem, assim como provocador de novas percepções da realidade. Neste contexto, a instituição escolar, historicamente configurada como um espaço disciplinador e normalizador de padrões sociais e legitimador das relações de poder vigentes, pode tornar-se um espaço no qual o silêncio é rompido e outras possibilidades de existência são tornadas visíveis, a partir da problematização sobre temas emergentes nos

discursos destas/es estudantes com quem dialogamos.

Com frequência são as próprias professoras e professores que veiculam condutas

e juízos preconceituosos em relação a estudantes não-heterossexuais. Silenciam a existência de outras formas de viver a sexualidade, o próprio corpo e as expressões de gênero, reafirmando a heterossexualidade e estereótipos de gênero

como únicas possibilidades legítimas para todas as pessoas. Nesse sentido, além de proporcionar maior conhecimento sobre os temas tratados, as oficinas provocam impacto direto nas comunidades em

que atuam, uma vez que agem de forma positiva na ampliação das redes de sociabilidade e na criação de novas perspectivas de vida para estudantes envolvida/os. Também atuam como experiência de formação didática para alunas/os de graduação e pós-graduação de diferentes cursos da UFSC.

O Concurso de Cartazes sobre Lesbo-Homo-Transfobia e Heterossexismo nas Escolas, promovido anualmente desde 2009,

visa promover a reflexão sobre sexualidades não normativas o espaço escolar e auxiliar na prevenção de condutas física ou simbolicamente violentas contra pessoas que não se adequam às normas de gênero e à heterossexualidade.

Os cartazes que participam do concurso são elaborados por grupos coordenados por professora/es nas escolas inscritas. Sua criação é ante-



Cartazes vencedores de 2014 (e) e 2009 (d)



2007

**Início do Projeto
Papo Sérió**

2009

**I Concurso de
Cartazes**

2010

**I Trans Day
NIGS**

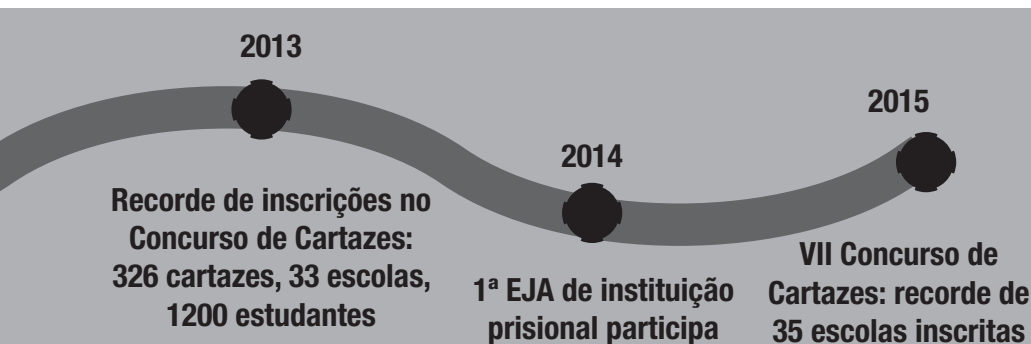
cedida de um processo de reflexão e discussão dos temas propostos junto aos grupos de estudantes. Após a finalização, os cartazes produzidos são enviados ao NIGS e durante duas semanas são expostos na UFSC e submetidos à apreciação de júri popular, júri interno e júri científico, segundo diferentes categorias. No dia da premiação, as turmas de estudantes são convidadas a participar da cerimônia de premiação na UFSC. Para muita/os estudantes envolvida/os, trata-se da primeira oportunidade de conhecer o espaço da universidade, no qual estreiam como protagonistas, tendo sua atuação valorizada no âmbito institucional.

O número crescente de cartazes confeccionados desde o início do projeto (17 em 2009, 135 em 2014) atesta a progressão de aceitação desta ação no meio escolar e a necessidade de que essa iniciativa seja consolidada.

A celebração de datas importantes de ativismo, por meio da organização de jornadas, seminários, mesas redondas e outras formas de ação, articuladas com outras instituições, tem estabelecido uma ponte direta com estudantes de diferentes cursos de graduação e com a comunidade

externa à UFSC. Datas como o Dia Internacional da Mulher, o Dia Internacional de Luta pela Despatologização das Identidades Trans, o Dia da Visibilidade Lésbica, a Parada da Diversidade e o Dia de Luta Pela Descriminalização do Aborto, entre outras, têm sido marcadas pela atuação do Papo Sério. Além destes eventos, o projeto tem realizado minicursos, mesas redondas e promovido debates de espetáculos que tratam de temas como papéis de gênero e violências contra as mulheres.

Esse conjunto de intervenções tem investido na perspectiva de criação de um ambiente escolar mais inclusivo, particularmente no que diz respeito às questões de gênero, sexualidades e ao direito de pessoas trans, gays e lésbicas de serem acolhidas e respeitadas nas escolas. Buscamos, acima de tudo, propiciar instrumentos que possibilitem o diálogo sobre práticas inclusivas de direito e de fato, com adaptação crescente das estruturas institucionais, transformação dos conteúdos curriculares e criação de estratégias de negociação das diferenças, num momento em que as escolas tornaram-se protagonistas no processo de transformação social.



DEPOIMENTOS

“Aprendi bastante coisa com a oficina, coisas que a gente vê no dia a dia, exploração sexual, abuso... Gostei bastante! Aprendi que tanto homens quanto mulheres, nenhum dos dois são objetos, somos iguais! Com o que aprendemos na oficina sei que podemos mudar coisas nas nossas vidas para melhor”

Larissa, 18 anos

Confira aqui as ideias de algumas alunas/os que participaram do Projeto Papo Sério nos últimos 8 anos.

“Os temas trazidos são importantes para se conversar, tabus precisam ser quebrados. Meus irmãos e minha mãe tem ideias antiquadas e eu não consigo convencer eles de que pode ser diferente. Tenho um amigo que sempre fala pra mim que mulher é objeto, que elas devem ser mandadas, devem lavar a louça, devem passar roupa e não podem sair de casa sem estarem acompanhadas pelo marido. Eu acho isso ridículo! A oficina me conscientizou também que a violência contra a mulher ta mais presente do que a gente percebe normalmente, como nas músicas, por exemplo.”

Vitor, 19 anos

“Pessoas, músicas e a mídia normalizam certas situações e coisas sérias como estupro, violência, assédio... A oficina foi muito legal, principalmente numa escola, pra se discutir essas coisas. Nem sempre as pessoas param e refletem sobre o que escutam e assistem.”

Patrick, 17 anos

“A gente entendeu bastante a mensagem que eles queriam passar pra gente. Aprendemos que todas as mulheres têm o mesmo direito á igualdade que os homens!”

Raissa, 16 anos

FEMINISMO(S)

Então eu sou feminista?

Conheça a história e as lutas atuais do movimento feminista

Emília Dutra

Sabemos que a palavra **feminismo** é frequentemente alvo de polêmicas, críticas, xingamentos, julgamentos... Mas por que será que algo que luta por justiça e igualdade entre homens e mulheres é tão questionado?

O feminismo como um movimento social teve início em meados do século XIX e vem sendo construído até os dias de hoje! Costumamos pensar a história das lutas feministas como “ondas”, que simbolizam mais ou menos as lutas travadas pelas mulheres em diferentes épocas e contextos.

A **1ª onda** teve início no século XX, quando as mulheres lutavam por igualdade de direitos e à vida pública (como poder votar, ter trabalho remunerado e poder estudar). A **2ª onda** começou por volta de 1960 e ampliou o debate para outras questões como o direito ao corpo, ao prazer e à família. A **3ª onda**, que começou nos anos 90 e continua até hoje, passou a desafiar as noções de identidade em torno do que se entende como “mulher”. Foi nos anos 90, com o início da 3ª onda, que passamos a

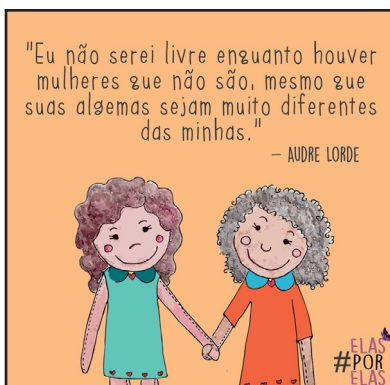
reivindicar mais fortemente o direito ao divórcio e ao aborto (que é entendido enquanto um direito ao próprio corpo). Também nessa época, as feministas negras passaram a negociar um espaço dentro do feminismo que considerasse as subjetividades rela-

cionadas à raça e ao gênero, entendendo que nem todas as mulheres passam pelas mesmas vivências e dificuldades desse “ser mulher”. Foi assim que surgiu o conceito da **interseccionalidade**.

O feminismo, por ser um movimento orga-

nizado e protagonizado pelas mulheres, abrange diversas particularidades justamente por sabermos que não existe um “modelo” ou uma “forma” de ser mulher ou de ser homem, e sim diversos modelos de se viver essas feminilidades e masculinidades.

Pode ter certeza que o feminismo tem a ver com tod@s nós! Tem a ver comigo, com você, com sua mãe, irmã, amigas, namorada, diretora, presidenta, avó, e todas as mulheres que cotidianamente são menosprezadas e violentadas pelo simples fato de serem: mulheres.



FEMINISMO(S)

“NOSSO CORPO, NOSSAS REGRAS!”

A Marcha das Vadias e a luta pela autonomia das mulheres

Nathália Dothling Reis e Paula Nogueira

As Slut Walks, como são chamadas no inglês, começaram no ano de 2011 na cidade de Toronto, no Canadá, em decorrência de declarações do policial Michael Sanguinetti acerca dos abusos sexuais ocorridos na universidade. Este afirmou que “se as mulheres não qui-

curto num dia de calor – como os homens usam bermudas, sem medo algum de terem seus corpos violados? Por que tantas restrições à liberdade e ao corpo da mulher? E se a roupa é a justificativa, por que mulheres que usam burcas continuam sendo estupradas em outros países e regiões? No que toca à sexualidade feminina, qual o problema em mulheres gostarem de sexo? Por que a ideia de “vadia” como aquela que não merece respeito? Afinal, usar a roupa que bem entende porque assim se sente bem, exercendo autonomia sobre o próprio corpo, já que ele lhe pertence e ninguém tem o direito a violá-lo, é ser então vadia? “Se a resposta for sim, somos todas vadias”.

Do Canadá para o mundo

A primeira marcha, realizada no Canadá, levou às ruas quatro mil mulheres, que protestaram juntas pelo fim da violência sexual e pelo direito ao próprio corpo. Em função da propagação na internet, principalmente no facebook, a Marcha ganhou enorme proporção, se internacionalizando e passando pelas principais cidades do mundo inteiro. No Brasil, a Marcha das Vadias (MdV), como foi chamada em português, começou em junho de 2011 na cidade de São Paulo e já pas-

sessem mais ser estupradas deveriam deixar de se vestir como “vadias”. Estudantes e professoras se organizaram para marchar em protesto à fala do policial. A ideia era dizer que o corpo da mulher lhe pertence e que não se deve ensinar mulheres a terem medo de serem estupradas ou violentadas, mas sim ensinar homens a lhes respeitar e a não estuprar.

Mas o que seria se vestir ou se comportar como “vadia”? Usar um short



sou pelas ruas das capitais e grandes cidades de todo o país.

A Marcha das Vadias no Brasil

Se observarmos cartazes das MdVs nas diferentes cidades do mundo, perceberemos que existem palavras de ordem comuns a todas elas, como por exemplo “meu corpo, minhas regras”. No entanto, cada Marcha é um movimento autônomo, não tendo responsabilidades com a do Canadá. Em cada MdV podemos observar especificidades ligadas ao contexto e às lutas políticas locais.

Em Belo Horizonte, ela é composta por muitas mulheres prostitutas que reivindicam a regulamentação da profissão. Nas cidades de João Pessoa (PB) e Campina Grande, a MdV tem apoio da prefeitura e conta com participação de mulheres católicas. Na cidade de Goiânia (GO), no ano de 2014 a MdV mudou de nome, passando a ser chamada de Marcha das Libertas. De acordo com as organizadoras, a ideia não foi romper com a MdV, mas ampliar suas discussões, pensando na representatividade de mulheres negras, transexuais e prostitutas.

Em Florianópolis, a MdV é influenciada pelo pensamento anarcafeminista, visto que a maioria das orga-

nizadoras se reconhecem enquanto tais. Isso faz com que o movimento seja organizado de forma autônoma, livre de qualquer relação com o Estado e com partidos políticos, autogestionada, ou seja, sem lideranças e com forte oposição às instituições religiosas consideradas grandes responsáveis pela moral sexual que repressende a sexualidade das mulheres e regula seus corpos, assim como o Estado. Além disso, há uma multiplicidade de identidades dentre as organizadoras: lésbicas, bissexuais, veganas, trans não binária, negra, nordestina não branca e isso se reflete nas pautas. Há um grande esforço para que este seja um espaço de luta interseccional levando

em conta os diferentes tipos de sujeitos dos feminismos. Em 2015, as atividades pré-marcha giraram em torno deste esforço pela interseccionalidade em diálogo com coletivos de mulheres negras, associações de mulheres prostitutas, de pessoas trans e mulheres de ocupações, trazendo para este espaço as questões e reivindicações dos diversos feminismos.

Esta articulação se refletiu na Marcha das Vadias deste ano, que ocorreu no dia 14 de agosto na região central de Florianópolis.

POR QUE VADIA?

O uso do termo slut (vadia, em inglês) para denominar a Marcha foi escolhido pelas organizadoras de Toronto como estratégia de resignificação da expressão, uma vez que o termo “vadia” é comumente utilizado nas sociedades ocidentais para denominar as mulheres que não “respeitariam o próprio corpo”, seja por fazer o uso de roupas curtas, seja pelo exercício autônomo de sua sexualidade ou por simplesmente não corresponderem aos conceitos ideológicos e performativos de feminilidade.

POLÍTICA

Lugar de mulher é onde ela quiser *principalmente na política!*

Por que tão poucas mulheres ocupam os cargos políticos?

Alessandra Ghiorzi

Você já reparou como são poucas as mulheres que ocupam os cargos políticos da nossa sociedade?

Por exemplo, apenas em 1996 que uma mulher se tornou prefeita de Florianópolis. É uma conquista recente se lembrarmos que passaram 107 anos desde que assumiu o primeiro prefeito na cidade. E depois disso nenhuma mulher mais se elegeu. Inclusive, nenhuma mulher até hoje foi governadora do Estado de Santa Catarina.

Mas esta ausência de mulheres na política não acontece por uma falta de vontade feminina. Há muito tempo, as mulheres vêm lutando por sua inclusão nos espaços de poder.

Uma das primeiras lutas do movimento feminista foi pelo direito ao voto, conquista que aconteceu em 1933. Foi também neste ano que as mulheres conquistaram o direito à candidatura aos cargos políticos.

Estar na política

não é uma tarefa fácil. As mulheres que assumem estes cargos são alvo de discriminação por parte da sociedade. Isso acontece porque é comum as pessoas pensarem que as mulheres não são capazes de assumir determinadas funções na sociedade. Mas isso não é verdade. No futebol, por exemplo, temos a jogadora Marta, que é a melhor do mundo. Na política, cada vez mais as mulheres vêm assumindo papel de destaque. Em 2011 tivemos a primeira mulher a ocupar a presidência do Brasil: Dilma Rousseff. Mesmo com estes avanços, é importante que mais mulheres participem da política. Aquelas que já ocupam cargos políticos perceberam que sozinhas e isoladas não conseguirão estabelecer suas ideias. Elas precisam do apoio de mais mulheres e homens

que compreendam as lutas feministas, para conquistar o direito de decidir sobre os rumos do nosso país, da nossa legislação e das nossas vidas.



DIFERENÇAS

Pessoas trans na escola

Sophia C. S. de Jesus

Arthur Costa Novo

Para iniciar a nossa conversa, as **pessoas trans** são seres humanos como todos os outros. Elas não se reconhecem na **identidade de gênero** que foi estabelecida para sua vida quando nasceram. Essa é uma situação muito violenta e triste para a pessoa, porque fica presa em um gênero que ela não sente como seu.

“Identidade de gênero”, o que significa?

É um termo que tem origem nas ciências humanas, como a antropologia, a história e a psicologia. Incorporado também pela medicina, explica o modo como as pessoas se sentem homens ou mulheres no mundo.

Essa necessidade surgiu porque as pessoas que estudam a sociedade e a vida humana começaram a perceber que o processo de se reconhecer no gênero masculino ou feminino não era óbvio como se acreditava.

“Identidade de gênero”, compreenderam, é como o ser humano se entende no mundo a partir de processos subjetivos, ou seja, sentimentos internos de reconhecimento no “**mundo dos homens**” ou no “**mundo das mulheres**”.

Realidades separadas

Nossa cultura ainda divide esses dois mundos. Tudo começa com a defini-

ção de quais características a pessoa precisa ter para fazer parte de cada um deles. A mais importante delas é o sexo: pênis ou vagina.

A divisão do mundo e das pessoas em masculino e feminino se reflete em tudo, pois é uma das maneiras pelas quais organizamos e damos sentido à realidade. Porém, não é a única forma de a humanidade fazer isso.

Estudos históricos e antropológicos mostram que os povos humanos têm diferentes formas de entender as pessoas no mundo. Ou seja, nem todas as sociedades humanas dividem as pessoas em masculino ou feminino como a nossa. Também não dão a mesma importância para as características que consideramos essenciais para definir homem e mulher. Isso acontece porque a cultura e a história de cada povo constroem diferentes formas de pensar a realidade e as pessoas.

“É menino ou menina?”

Quando um bebê vai nascer, a família quer logo saber o sexo para recebê-la em um **mundo dos homens** – azul, com carrinhos, bolas e “coisas de menino” – ou num **mundo das mulheres** – todo rosa, com bonecas, ursinhos e “coisas de menina”. Mostram, desde cedo, o que podemos fazer, gostar e brincar. Querem ensinar o que acham certo, assim como

aprenderam. A criança não pode dizer como se sente ou escolher.

Isso é complicado. A criança já sabe que o sexo – pênis ou vagina - não determina o comportamento, preferências e desejos. Basta olhar ao nosso redor: as pessoas são sempre diferentes, certo? Não existe um único jeito de ser homem ou um único jeito de ser mulher.

Respeito: todo mundo gosta e merece!

É fundamental respeitar o direito de a pessoa viver na identidade em que ela se reconhece. Por isso, na dúvida, é bem mais educado perguntar para a pessoa como ela se sente e como quer ser tratada.

Se nos tratam como queremos, devemos tratar as pessoas como elas desejam, certo? Isso se chama reciprocidade e respeito, os mais importantes princípios da boa convivência humana.

As pessoas trans são como qualquer outra pessoa: amam, se divertem, trabalham, choram, sentem dor, erram e buscam a felicidade. Merecem todo nosso respeito e o nosso reconhecimento. Afinal... São apenas humanas.

Uma palavra para cada experiência: vocabulário trans

Pessoas trans podem ser transexuais ou transgêneros, reconhecer-se como mulheres trans, transmulheres, travestis, homens trans e transhomens, entre outras possibilidades. Expressões como travesti e transexual, como todas as palavras, têm sentido, história e significados diferentes. Entenda.

Atenção! Muitas/os trans se entendem apenas mulher ou homem. Não querem enfatizar o processo de transformação de gênero.

Transexual: Termo médico para nomear pessoas que se identificam com o gênero oposto ao sexo determinado ao nascer. Entende-se que, ao longo da vida, essas pessoas descobrem porque se sentem infelizes e recorrem à medicina para adequar o corpo ao gênero em que se reconhecem.

Transgênero: É um termo das próprias pessoas trans. Significa pessoas que não se identificam no gênero imposto ao nascer e decidem viver como se sentem confortáveis. “Não é o mesmo que transexual?” Sim e não. Transexuais são transgêneros. Mas nem todas as pessoas transgênero se reconhecem por transexual, mudam de nome ou transformam o corpo.

Travesti: Uma identidade feminina de muitas trans. É uma das primeiras expressões usadas no Brasil e tem grande importância histórica e política. Estudos recentes associam essa identidade às classes populares. Ela também é muito vinculada à prostituição, visto que este acaba sendo um dos únicos espaços de sobrevivência para pessoas pobres que, além de tudo, são discriminadas por serem trans. Muita gente trata as travestis no masculino, o que é muito ofensivo.

Mulheres trans e transmulheres: São identidades femininas reivindicadas mais recentemente por algumas trans.

Transhomens ou homens trans: Identidades masculinas trans até recentemente invisíveis na sociedade. Nos últimos anos, filmes, seriados de TV e personalidades famosas começaram a mostrar que, sim, eles estão por aí.

VAMOS JOGAR?

pode destacar esta parte!

Agora é hora de testar seus conhecimentos!

Jogo produzido por: Isis Beckhauser, Larissa Daniel e Suzana Martins Costa

Depois de tanto assunto abordado na revista, bora revisar?

Elaboramos um jogo de tabuleiro e de palavras cruzadas para você fixar bem tudo que aprendeu! Tente primeiro fazer sem ajuda, mas se achar difícil vale pesquisar por aqui ou no nosso santo amigo *Google*.

Fica a dica: todas as respostas você encontra no conteúdo da revista ou no final desta sessão.

Mais uma coisa! Para facilitar sua vida, fizemos estas páginas destacáveis! Pode tirar e levar pra onde quiser!

Agora é só chamar a galera e jogar!

Bom divertimento!

INSTRUÇÕES DO JOGO “CORRIDA COLORIDA”:

Para jogar a Corrida Colorida você precisa de peões, um dado e deve estar com até quatro amig@s. Cada participante escolhe um objeto para ser seu peão e o posiciona em um caminho escolhido. Logo em seguida escolhe-se quem irá começar o jogo. Esta pessoa joga o dado e anda o número tirado. Se cair em um espaço que tenha pergunta, ela deve respondê-la. Se ela errar a resposta, deve voltar metade do número tirado no dado, se acertar continua onde está. A/o vencedor/a é a/o primeira/o a cruzar a linha de chegada. Todas as respostas se encontram nos textos da revista. Divirta-se e aprenda!!



PARTIDA

Furou o pneu: fique uma rodada sem jogar

Pelo que lutavam as mulheres da primeira "Slut Walks"?



PARTIDA

O que é orientação sexual?

Qual é a primeira onda do feminismo?

Deu sorte! Ande um espaço e responda a pergunta!

PARTIDA

Em qual onda do feminismo a luta pelo direito ao aborto e divórcio se fortaleceu?

O que é o nome civil?

PARTIDA

O que é violência de gênero?

Quem fundou a Liga Feminina de MC's?

Deu sorte! Ande um espaço e responda a pergunta!

Quando e por que surgiu o movimento "Slut Walks"?

Puts! Volte dois espaços

O que é o nome social?

Deu sorte! Ande um espaço e responda a pergunta!

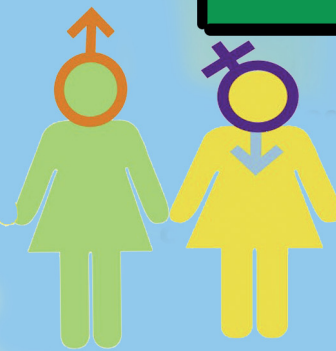
Onde ocorre a Marcha das Libertas?

Qual a segunda onda do feminismo?

Deu sorte! Ande um espaço e responda a pergunta!

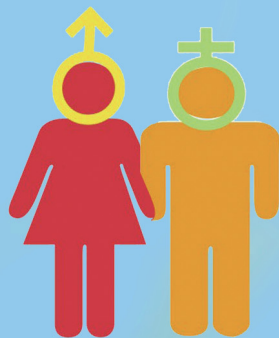
O que busca o Coletivo Teatral Feminista (Em) Companhia de Mulheres?

O que é homo-lesbo-transfobia?



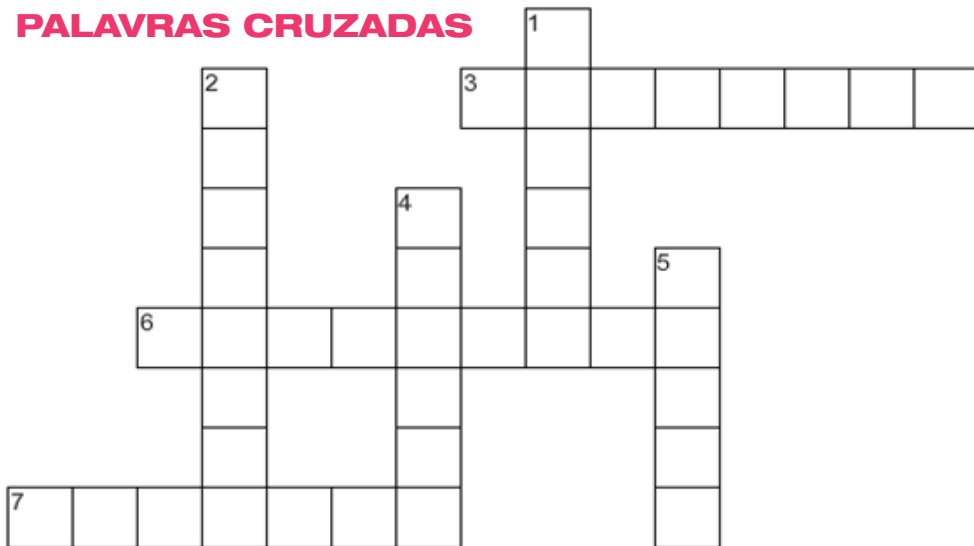
Corrida

Colorida



| | | | | | |
|---|--|--|--|-----------------------------------|---------|
| Como surgiu o conceito da interseccionalidade? | Puts! Volte dois espaços | O que é gênero? | | | |
| | Furou o pneu: fique uma rodada sem jogar | Em quais instituições catarienses o uso do nome social é um direito? | | Buraco negro: volte para o começo | CHEGADA |
| Furou o pneu: fique uma rodada sem jogar | Artivismo, você sabe o que é? | Puts! Volte dois espaços | | Buraco negro: volte para o começo | CHEGADA |
| | Puts! Volte dois espaços | Qual é a terceira onda do feminismo? | | Buraco negro: volte para o começo | CHEGADA |
| Existe somente uma "forma" de ser homem ou de ser mulher? | Furou o pneu: fique uma rodada sem jogar | Ser trans é a mesma coisa que ser gay ou lésbica? | | Buraco negro: volte para o começo | CHEGADA |

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAL

3 - Comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher

6 - Movimento político que luta pelo fim da dominação de um dos gêneros, procurando, assim, promover a igualdade entre os sexos

7 - Atitude preconceituosa que se baseia na superioridade de uma raça ou etnia sobre outra

8 - Atitude preconceituosa que prescreve para homens e mulheres papéis e condutas diferenciadas de acordo com o gênero atribuído a cada um

VERTICAL

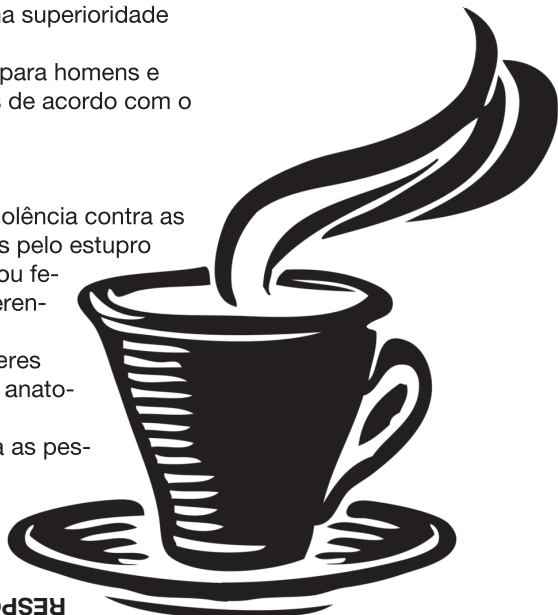
1 - Marcha das ... - Protesto pelo fim da violência contra as mulheres e da culpabilização das mulheres pelo estupro

2 - Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, que assume papéis de gênero diferentes daqueles impostos pela sociedade

4 - Este conceito traz que homens e mulheres são produtos da realidade social e não da anatomia de seus corpos

5 - Atitude preconceituosa que hierarquiza as pessoas em função da sua orientação sexual

RESPOSTAS: 1 - Vadias / 2 - Travesti / 3 - Ma-
chismo / 4 - Gênero / 5 - Homofobia / 6 -
Feminismo / 7 - Racismo / 8 - Sexismo



NOME SOCIAL

O nome que você é

Crishna Correa

O nome é um dos elementos mais importantes da identidade. Escolhido pela família, esse nome vai para a certidão de nascimento, o registro civil, e se torna nosso nome civil. Para quem é trans, esse nome é um problema.

Quando as pessoas tomam para si a tarefa de dizer a que gênero pertencem, elas frequentemente mudam de nome. Passam, assim, a ser conhecidas por um nome diferente do que está em seu registro civil: um nome social. É o que acontece, por exemplo, com uma pessoa registrada com o nome João, mas que se reconhece no gênero feminino e começa a se apresentar como Kelly. Apesar de a pessoa ficar conhecida por este novo nome, ele não vai imediatamente para a certidão de nascimento. O Brasil só permite essa mudança através de um processo judicial, que é lento ou custoso.

Um direito que avança aos poucos

Muitas/os trans desistem da escola ou do emprego porque não há respeito pelo

seu nome social. A negação da identidade impossibilita que essas pessoas estejam nesses e em outros espaços importantes.

Por causa disso, muitos estados, municípios e instituições criaram normas que garantem o direito ao nome social. Em Santa Catarina, existem leis e regulamentações estaduais em alguns municípios.

Confira a seguir:

NOME SOCIAL EM SANTA CATARINA

Escolas da rede pública estadual

Uma resolução do Conselho Estadual de Educação (Nº 132/2009) garante o direito ao uso do nome social por estudantes da rede pública de ensino do estado, tanto no tratamento por professoras/es e colegas quanto em documentos internos, como a lista de chamada e provas.

Universidades e ensino técnico

Nas instituições abaixo é possível solicitar o uso do nome social em todos os documentos internos. Nos documentos externos, como o diploma e o histórico escolar, permanece o nome civil: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC); Instituto Federal Catarinense (IFC);

Sistema Único de Saúde (SUS)

Em Florianópolis, uma portaria (Nº 026/2010) da Secretaria Municipal de Saúde estabelece que exista um campo para nome social nas fichas das/os pacientes, caso seja solicitado, respeitando a sua identidade de gênero.

TRATAMENTO

Respeito é bom e **TRANSparece**

Conheça reações comuns que podem ser muito ofensivas

Arthur Costa Novo

As reações abaixo são bastante comuns entre pessoas que convivem com amigas, amigos e colegas trans. Mas essas atitudes são também muito ofensivas. Entenda o porquê.

“Como você está bonita... opa! Bonito! Foi mal!”

Tratar a pessoa no gênero no qual ela se reconhece é a mais básica expressão de respeito. Por isso é muito importante não errar. Pedir desculpas mostra que você se importa, mas não resolve o desconforto que, no mínimo, você provocou.

“Mas como é o seu nome de verdade?”

O nome verdadeiro de uma pessoa trans é aquele com que ela se apresentou para você. Esse é o nome com o qual ela se identifica. É o nome que ela é. Perguntar pelo nome anterior não faz sentido e não é legal. Se você conhece o nome de registro de seu amigo ou amiga trans, não fique espalhando por

ai! Essa informação é muito pessoal.

“Que legal que você é trans! Eu conheço vários outros gays!”

Ser trans não é a mesma coisa que ser gay ou lésbica. Tem

a ver com identidade

de gênero, com

quem a pessoa

é, com se ela

pertence ao

mundo mas-

culino ou fe-

minino. Ser gay

ou lésbica tem a

ver com orientação

sexual, com quem a pes-

soa deseja para se relacionar ou namorar. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

“Essa é a Amanda, minha amiga trans.”

As pessoas lidam de formas diversas com o fato de serem trans: algumas querem visibilidade, outras não. Mas mesmo as que desejam ser reconhecidas como trans preferem escolher como e quando fazer isso. Portanto, a decisão de contar só cabe à própria pessoa. Respeite e não atropеле esse momento, que não diz respeito a você.

**SE LIGA QUE O PAPO
É SÉRIO!**

Se você conhece o nome de registro de seu amigo ou amiga trans, não fique espalhando por aí! Essa informação é muito pessoal.

QUESTÕES POLÊMICAS

AS PALAVRAS TÊM PODER!

Será que você não está reproduzindo algum preconceito?

Nauana Antonello, Bruna Bernhardt e Everson Fernandes

Durante as oficinas do Projeto Papo Sério sempre surgiam muitas dúvidas e algumas vezes ouvimos afirmações bem marcantes, que nos fizeram refletir muito. Aproveitamos este espaço e selecionamos as principais questões que foram abordadas em sala de aula. Agora, sempre que precisar rever algum conceito ou rebater alguma coisa que falam por aí, você já sabe onde pesquisar!

O que é gênero?

O conceito gênero é utilizado para pensar as diferenças do comportamento construído socialmente entre homens e mulheres. Sabemos que toda essa construção social binária entre os sexos começa desde muito cedo, até mesmo antes do próprio nascimento com a atribuição das cores azul para meninos, rosa para meninas e assim as instituições sociais vão moldando crianças em meninos e meninas de forma a igualar o gênero com o sexo biológico. No entanto, é muito importante que as pessoas que são ou agem de forma diferente do típico menina ou menino, rapaz ou moça, sejam também respeitadas. Que se sintam livres para falar, agir e se comportar de forma que se sintam satisfeitas e felizes, e não como a sociedade espera que façam só pelo

fato de possuírem pênis ou vagina.

Qual a diferença entre gênero e orientação sexual?

Gênero é um conjunto de normas que são impostas às pessoas que são ditas meninos e às pessoas que são ditas meninas. Assim, gênero são aquelas coisas e formas de comportamento que são atribuídas como “normal” só para meninos ou só para meninas. É a forma como a sociedade tenta moldar e controlar pessoas baseadas nos sexos. Orientação sexual está relacionada à questão de relacionamentos afetivos-sexuais. Ou seja, orientação sexual é por quem você tem interesse de se relacionar, ficar, namorar, casar, etc.

O que é violência de gênero?

A violência de gênero está ligada às relações hierárquicas e de poder existentes entre homens e mulheres. No entanto não podemos pensar em violência de gênero sem antes observar todo um conjunto de fatores como: etnia, classe social e orientação sexual, fatores que acabam fazendo que essa violência seja dupla e ainda maior, pois se é discriminada por ser mulher e depois por ser negra, pobre ou lésbica. Muitos dos aspectos apontados acima acabam refletindo na violência doméstica, apesar de

que hoje em dia se pode contar bastante com o apoio do Estado através de denúncias feitas na delegacia da mulher e de toda proteção que a Lei Maria da Penha oferece, permitindo até mesmo que o agressor tenha que manter uma determinada distância da vítima, independentemente se a violência sofrida for física, psicológica, patrimonial ou moral. Algumas das explicações para esse fenômeno estão relacionadas à desigualdade social existente entre o sexo feminino e o masculino, a diferença salarial e a dificuldade que as mulheres têm de ingressar no mercado de trabalho, além da cultura tradicionalista em que estamos inseridos.

O concurso de cartazes é sobre homo-lesbo-trans-fobia e heterossexismos.

O que são estas coisas com nomes difíceis?

Esse nome comprido é uma tentativa das pessoas que estudam teorias de gênero englobarem em um só termo alguns dos preconceitos mais recorrentes quando o assunto é orientação sexual e identidade de gênero. Homofobia é o nome que a gente dá para o preconceito contra homens que têm atração afetivo-sexual por outros homens. Lesbofobia é o preconceito contra mulheres que se relacionam, também afetivo e se-

xualmente, com outras mulheres. A transfobia é a aversão às pessoas trans. Já o heterossexismo diz respeito a essa imposição, por vezes explícita, por vezes simbólica, da heterossexualidade, como se esta orientação sexual fosse, supostamente, mais “certa” do que as outras.

“Na verdade, acho que mulher que usa short “entalado” na bunda tá querendo mesmo é ser estuprada!”, aluno homem, 9º ano do Ensino Fundamental.



S a b e m o s que, independentemente da roupa que mulheres usam, todas devem ser respeitadas. Aliás, estupros acontecem nos mais variados espaços, públicos e privados, e não têm relação direta com a roupa que a mulher estava usando.

Até porque o estupro é uma violência de gênero, ou seja, é praticado contra mulheres pelo fato delas serem mulheres e, conseqüentemente e na maioria dos casos, serem vistas como meros objetos sexuais.

“A minha mãe apanha e deve gostar. Ela separa, mas depois liga e pede para voltar. Por isso ela deve gostar”, aluno homem, 1º ano do Ensino Médio

A violência doméstica é uma situação

extremamente complexa, uma vez que envolve tanto fatores psicológicos como sociais. Há diversos motivos que podem fazer com que uma mulher permaneça numa situação de violência doméstica: suas/seus filhas/os, sua situação financeira, etc., uma vez que corre o risco de sofrer preconceitos.

problema é que os meus amigos zoam de mim se me vêem ajudando em casa, ficam pegando no meu pé, me chamando de viado, de mulherzinha. Então quando eu vou ajudar a minha mãe eu fecho a cortina pra galera da rua não me ver”, aluno homem, 1º ano do Ensino Médio.

“Lá em casa a educação minha e do meu irmão é bem diferente. Por exemplo, só eu que ajudo nas tarefas de casa. Ele acaba de comer e nem tira o prato da mesa. Acho muito injusto.”, aluna mulher, 1º ano do Ensino Médio.



Alunas/os de E. Fundamental participam de oficina de gênero

Os atributos de trabalho normalmente relacionados às meninas e mulheres são aqueles vinculados ao cuidado doméstico, o cuidado da casa e da família sem receber salário e, em relações heterossexuais, ficando dependente do marido. Para os homens é estimulado e imposto que trabalhe fora de casa para sustentar a família, possibilitando uma renda própria e certo grau de independência.

“Eu ajudo bastante na minha casa, na minha família todo mundo faz alguma coisa. Eu varro a casa, lavo a louça... O

Como o trabalho doméstico é associado às mulheres, e como a sociedade enxerga mulheres como pessoas com menos importância, quando um menino trabalha em casa é logo considerado que é menos menino por exercer essas tarefas. O fato de chamarem um menino de “mulherzinha” ou “viado” deixa explícito como qualquer pessoa que se afaste do ideal de “machão” é considerado de segunda classe, sub-cidadão. Fazer trabalho de casa não deve ser coisa de menina ou coisa de menino, mas responsabilidade de todas as pessoas que dividem aquele espaço.

INTERVENÇÃO

ARTivismo:

Artistas e coletivos de militância tomam os espaços das ruas e o ambiente virtual com intervenções artísticas e culturais que fazem críticas aos padrões sociais

Paula Nogueira

Para quem circula pelos grandes centros urbanos, um olhar atento à cidade pode revelar mais do que se imagina. De repente, um passeio pelas ruas pode se transformar em uma volta por uma galeria de arte a céu aberto, composta por artistas anônimos ou já conhecidos.

Entre grafites, cartazes, performances teatrais, música ao vivo, estêncils, adesivos e lambe-lambes, as intervenções mostram-se também como meio de questionar a desigualdade social tão visível nesses centros, bem como o machismo vivenciado diariamente por centenas de mulheres, o racismo cotidiano, o desrespeito à natureza, além de outras questões tão presentes.

É neste contexto que surge o artivismo – expressão que engloba



(Em) Companhia de Mulheres

ações sociais e políticas, realizadas por coletivos de artistas ou individualmente, que encontram na arte uma forma de levantar tais críticas e questionamentos à realidade. É interessante notar que o artivismo não se restringe às práticas já

citadas, sendo realizado também em saraus, apresentações artísticas e demais produções destinadas a tal fim. Dessa forma, embora muito presentes nas ruas, são expostas também em outros lugares – inclusive virtuais,



Ilustração de **Negahamburger**

arte contra o preconceito

como a internet.

Considerando o seu caráter transgressor, que rompe fronteiras da noção canônica e elitista de que a arte só pode ser realizada por determinado grupo selecionado de pessoas, não é de se estranhar que a internet e as redes sociais sejam um terreno fértil para a divulgação dos ativismos. Muitos quadrinhos e ilustrações, por exemplo, ganharam milhares de fãs com a divulgação da arte nas páginas no Facebook. Este é o caso de Negahamburger, cujos likes já ultrapassam 100 mil. Sua página na rede reúne ilustrações que criticam, entre outros assuntos, padrões de beleza femininos, violência sexual, homofobia, lesbofobia e redução da maioria penal.

Em Florianópolis, por exemplo, o Coletivo Teatral Feminista (Em) Companhia de Mulheres busca, por meio do teatro feminista, promover reflexões sobre comportamentos perpetuados pela sociedade patriarcal. Além disso, traz ao palco discussões

acerca de assuntos que atingem as mulheres, muitas vezes de maneira violenta, em vários aspectos da vida.



Artista Criola com seus grafites contra o preconceito

Já nas ruas de São Paulo é possível acompanhar as intervenções de Mundano, cuja ação mais conhecida é a “Pimp my Carroça”, na qual ele grafita carrinhos de catadores de materiais recicláveis, dando-lhes mais visibilidade. Em Belo Horizonte, as ruas são coloridas pelos grafites de Criola, mulher negra que utiliza sua arte como grito de resistência contra o preconceito.

Bárbara

SWEET

“Não vão maquiar o que eu vejo, não vão. Nunca passarão”

Maju Gonçalves

Nos 30 minutos de show, a MC Bárbara Sweet, de 29 anos, dominou o palco da III Semana de Arte Popular rimando sobre liberdade sexual, feminismo e união das mulheres. Além de músicas como “Tem que ter”, que abre essa matéria, ela conversou muito com o público, fez cover de divas do pop e recitou um poema autoral sobre amizades femininas. No cenário do rap brasileiro, a mineira é tão forte quanto sua voz: duela com homens sem baixar a cabeça para os xingamentos e busca aumentar a representatividade das mulheres no rap, meio predominantemente masculino, através da Liga Feminina de MC’s que fundou com outras rappers. Depois da apresentação, ela sentou nas mesinhas da ESAG do campus de Florianópolis da UDESC para conversar com o Zero sobre a carreira, o seu papel na música e como o feminismo surgiu e mudou a sua vida.

Por que seu apelido é Sweet?

Bom, quando comecei a ir pra rua eu era bem nova, tinha uns 12 ou 13 anos e comia muita bala de uma loja que chamava Sweet Sweet Way que tinha lá em Belo Horizonte. Eu chegava na escola cheia desses pacotes de bala e aí quando a gente estava escolhendo um nome pra pichar eu acabei ficando como Sweet.

Quando começou na música?

Eu comecei a pesquisar sobre a cultura hip hop quando tinha uns 13 anos, mas eu comecei realmente a rimar com uns 16. O meu contato com a música começou bem cedo porque eu fazia parte do coral na igreja, de família católica. Fiz coral dos dez até os 12, mais ou menos, e eu fazia a voz e o violão. Depois que o rap chegou, eu me dediquei a isso.

Qual foi a sua primeira barreira na música como mulher?

Ser mulher. Minha primeira barreira na música foi ser mulher, principalmente dentro do rap. O rap tem uma cultura muito misógina. Quando eu comecei a ir no rap, nós não íamos de roupa feminina, a gente só ia de roupa larga.

*Esta entrevista foi cedida pelo jornal laboratório ZERO, confira na íntegra em http://issuu.com/zerojornal/docs/issu_zero_junho.

As mulheres eram praticamente uma versão menor dos caras. E nisso a gente já vê muito como era um espaço extremamente masculino. Não era muito bem visto você ser uma mulher no rap.

Quando o feminismo se juntou com a sua música?

O feminismo é realmente algo que eu sempre li, procurei saber, mas nunca tinha realmente abraçado o movimento da militância. Então foi mais ou menos no final de 2012 que eu comecei a ter mais contato com literatura feminista, textos, a própria internet que ainda é a maior fonte de divulgação do material feminista. A partir do momento que eu comecei a entrar nisso, eu fui trazendo o feminismo pra dentro da minha vida, como forma

de me empoderar. Muito mais do que falar sobre isso, era algo que eu dizia pra mim mesma, principalmente por frequentar espaços tão masculinos como a batalha. O feminismo foi entrando levemente junto com as batalhas. Quando eu voltei pras batalhas eu senti essa necessidade de me entender como mulher, de achar que eu merecia aquele espaço também, então o feminismo me deu força pra enfrentar esse processo e me empoderar pra poder viver ele de fato.

Você apresentou um poema falando sobre a amizade entre mulheres. Como quebrar essa ideia de competitividade?

A nossa socialização é essa, né? Que mulher não é amiga de ninguém, mulher só quer ver a outra pelas costas. Mas desde que eu abracei o femi-

nismo, eu vi o quanto o mundo se transforma quando a gente se une. Eu consegui construir coisas maravilhosas ao lado de mulheres incríveis, com quem eu aprendi demais e que se eu tivesse essa mentalidade ainda, a gente não teria conseguido. Pra



MC Bárbara Sweet cantando no Sapo, em Florianópolis

mim essa técnica de que mulheres são competidoras é uma forma de minar essa força tão grande que a gente tem quando se une. (...) Eu comecei a acreditar realmente na sororidade quando passei por uma situação de abuso e vi que todos os homens tomaram o partido do cara - inclusive os que eu chamava de amigo. Aí eu vi que no final das contas mesmo, quando o bicho apertar, quem vai ficar do seu lado são só as mulheres, porque todas já viveram isso, seja em maior ou menor grau, e foram tratadas como mentirosas, como caluniadoras, como exageradas, nervosinhas, chatas do rolê. Mas não é verdade! No final das contas, quando a gente precisa mesmo, é só a amiga que vai olhar pra sua cara e dizer: "Pode chorar, amiga. Eu te entendo!"."

#ficaadica

Curadoria: Equipe Papo S3rio

Texto final: Isabela Cantarelli

O feminismo tamb3m pode ser conhecido atrav3s de m3sicas, filmes e seriados, por isso separamos uma lista com um pouquinho do que rola por a3 de arte e entretenimento feminista. Essa 3 uma se73o para ampliar seus conhecimentos e gostos e tamb3m para aprender que algumas das manifesta73es culturais com que voc3 j3 convive s3o feministas e voc3 nem desconfiava! Vamos ent3o conferir a lista? ;)

FILMES

Billy Elliot

G3nero: Drama, Com3dia

Estreia: 2000

Billy Elliot, por incentivo e desejo do pai, faz aula de boxe, mas quando a sala passa a ser dividida com a turma de bal3 cl3ssico ele descobre que seu maior encanto 3 pela dan7a, dando in3cio a uma dura luta para quebrar o tabu de certos pap3is de g3nero, em que um deles 3 o de que bal3 n3o 3 coisa para

meninos. Ao longo da trama, Billy demonstra ter talento nato e mesmo com todo machismo e preconceito envolvido - principalmente o de seu pai - n3o consegue se afastar do bal3. Uma hist3ria para rir, sofrer e se apaixonar e curtir a trilha sonora variada que conta com o punk de The Clash e os cl3ssicos de Tchaikovsky.

Hoje eu quero voltar sozinho

G3nero: Romance, drama

Estreia: 2014

Leo 3 um adolescente cego que, assim como qualquer outro menino de sua idade, est3 enfrentando conflitos t3picos dessa fase da vida, dentre eles o de descoberta de sua pr3pria sexualidade. Quando ele conhece Gabriel, um novo colega de sala vindo de outra cidade, logo inicia uma grande amizade e passa a ter sentimentos que o deixam confuso. Junto com sua melhor amiga de longa data, Giovana,

Leo passar3 a vivenciar experi3ncias que o conduzir3o a uma maior independ3ncia e maturidade. O filme ganhou diversos pr3mios e encantou muitas plateias ao redor



Cena de "Hoje eu quero voltar sozinho"

sugestões para você se empoderar mais!

do mundo, sendo indicado pela delegação brasileira para representar o Brasil na disputa pelo Oscar de melhor filme estrangeiro.

Tomboy

Gênero: Drama, Comédia

Estreia: 2011

Laure é uma menina de 10 anos que gosta de se vestir como menino e de jogar futebol e nem sequer imagina os problemas que isso pode lhe gerar. Vista como menino pelas outras crianças do novo bairro para o qual se mudou, ela passa a se apresentar como Mike e isso a faz ter de contar uma série de mentiras. Tomboy é um filme que discute com leveza os limites que são impostos aos gêneros desde a infância e mostra como genuinamente nenhum de nós se encaixa com exatidão nesses estereótipos.

Persepolis

Gênero: Animação, Drama

Estreia: 2008

O filme acompanha o crescimento de Marjane Satrapi, uma garota iraniana de 8 anos, que vive em meio ao conturbado período histórico iraniano, em que há a queda de um antigo regime e a implantação da República Islâmica, a qual é extremamente ditatorial e regula como as pessoas devem se

portar e se vestir. Quando a pequena Marjane cresce, ela se rebela contra esse sistema. Um dos aspectos mais maravilhosos do filme é que apesar de morar do outro lado do mundo e viver num contexto histórico totalmente diverso do brasileiro, é possível se identificar com a protagonista em diversos dilemas que enfrenta.



Filme francês de animação, **Persepolis**

SÉRIES

GLEE

Nós amamos GLEE! Mas quem não ama? O garoto da cadeira de rodas, a menina negra e gorda, a oriental deslocada, o travesti negro, o aluno com dificuldade de aprendizagem, o casal gay, o garoto top do time de basquete, uma garota com síndrome Down e a adolescente grávida. Todos reunidos em um destes decadentes clubes americanos de música do qual ninguém quer fazer parte. Mas eles cantam, dançam, usam roupas super

descoladas e vivenciam sentimentos típicos da adolescência. Vão superando a cada episódio a insegurança, o medo, a dor da perda, os conflitos amorosos, a gravidez precoce e todos os temas comuns a essa fase da vida. Os temas aparecem no cotidiano destes adolescente de forma cômica e trágica, sem a vibe de “contos de fadas com finais felizes”, através da música pop contemporânea e clássicos do rock.



Seriado ganhou nossos corações! <3<3

Orange is the new black

Esta é a série queridinha do momento para muita gente. Conta a história de uma típica garota loira, estadunidense, de classe média, que devido a algumas aventuras inesperadas do passado vai parar na prisão. Nesse novo ambiente, Piper irá conhecer diversas mulheres, portadoras das mais distintas histórias que as colocaram dentro do presídio. A série dá conta de retratar a história de vida de muita mulher mundo afora e ainda com um toque de humor na maior parte das cenas!

MÚSICAS

Divas, lindas, poderosas e... feministas! Algumas das músicas que mais curtimos e dançamos em festas tratam do empoderamento da mulher. E tem música pra todo tipo de gosto!

Pra quem curte pop

Cantora: Beyoncé

Música: Pretty Hurts

A letra critica os rígidos padrões estéticos impostos principalmente às mulheres e afirma que o mais importante é aquilo que somos e que jamais poderá ser medido por qualquer padrão de beleza

Pra quem curte funk

Cantora: Ludmila

Música: Sem querer

Ludmila canta a favor da emancipação das mulheres de relacionamentos abusivos e pelo direito da mulher de sair, se divertir e experimentar ‘novos sabores’ nas baladas

E pra quem curte rock

Cantora: Pitty

Música: Desconstruindo Amélia

Essa composição busca desconstruir a Amélia da velha e conhecida música de Mário Lago: Ai que saudades

da Amélia (pra quem não conhece, vale a pena

escutar as duas músicas e conferir as diferenças). Amélia, agora na voz de Pitty, é uma mulher independente, com vontades próprias e que tem determinação pra conquistar o que deseja.

VOCÊ SABIA?

Também tem música

feminista pertinho da gente!

Recentemente, caiu na rede a música “A Louca”, da estudante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Manuela Techio.

A letra ironiza o comportamento machista de vários homens que não suportam a independência das mulheres. Vale a pena escutar!

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
NÚCLEO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SUBJETIVIDADES (NIGS)

| | |
|--------------------------------------|--|
| <i>Organização</i> | <i>Projeto Papo Séri</i> o 2015 |
| Miriam Pillar Grossi | Arianna Sala, Arthur Costa Novo, |
| <i>Editoras</i> | Bruna Bernhardt, Delza da Hora, |
| Arthur Costa Novo | Emília Dutra, Everson Fernandes, |
| Gabriela Dequech Machado | Gabriela Dequech, Giulia Gaia, |
| Marisa Naspolini | Isabela Cantarelli, Isis Beckhauser, |
| Red Nedel | Larissa Daniel, Leonardo Lima, Lino |
| <i>Projeto Gráfico e Diagramação</i> | G. N. Santos, Marisa Naspolini, |
| Gabriela Dequech Machado | Nauana Antonello, Raphael Ramos, |
| <i>Capa</i> | Red Nedel, Rita Alves, Suzana M. |
| dora o. n. (<i>ilustração</i>) | Costa, Vinícius Bressan. |
| Red Nedel (<i>design</i>) | <i>Contato</i> |
| <i>Revisão</i> | Telefone: (48) 3721-4135 |
| Vinícius Bressan | <i>Internet</i> |
| <i>Impressão</i> | http://nigs.ufsc.br |
| Copiar | www.facebook.com/nigsufsc |

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

R454 Revista Papo Sério / Miriam Pillar Grossi
(organizadora). - 1. ed. - Ilha de Santa
Catarina : NIGS/UFSC, 2016.
34 p. : il. - (Coleção Cadernos NIGS)

ISBN: 978-85-8328-058-3.
Inclui bibliografia.

1. Identidade de gênero - Aspectos
antropológicos. 2. Sexualidade - História. I.
Grossi, Miriam Pillar. II. Série.

CDU: 392.6

Agradecemos às seguintes agências financiadoras que apoiaram o Projeto Papo Sério:



PROEXT
Programa Nacional de
Extensão Universitária



Secretaria de
Políticas para
as Mulheres



UFSC PROEX - Pró-Reitoria de Extensão

Série
Cadernos NIGS



NIGS
Núcleo de Identidades
de Gênero e Subjetividade

EXTENSÃO

ISBN 978-858328058-3



9 788583 280583